

VALA COMUM (1994) de João Godoy

Rafael Dornellas¹

Em 1990, a prefeitura de São Paulo, na gestão de Luiz Erundina, ordenou a abertura da vala comum presente no cemitério de Perus, região noroeste de São Paulo, destinada, como se sabe, ao enterro de corpos não identificados. Havia a suspeita de que nessa vala estivessem enterrados corpos de perseguidos políticos e desaparecidos mortos pela repressão da ditadura militar. A retirada das ossadas, além do apoio político da atual prefeitura, contou com suporte científico da UNICAMP.

Resultado de uma pesquisa realizada desde 1990, *Vala comum*, documentário de média metragem, dirigido por João Godoy e lançado em 1994, registra a retirada de corpos da vala e ouve os depoimentos dos familiares dos desaparecidos. Assim, discute o tema da ditadura militar, em um movimento necessário de resgate à memória recente do país e de reflexão acerca da nossa história.

Vala comum se inicia com uma cartela contendo um texto que resume o início da ditadura militar – a tomada do poder e a supressão de direitos. As primeiras imagens, porém, são de 1990, de uma reportagem de televisão que mostra a retirada dos sacos contendo as ossadas dos desaparecidos no regime militar. Então começamos a acompanhar os depoimentos dos parentes das vítimas, mães, filhos, irmãos, relembrando os anos de militância, a morte na tortura, e o recebimento, ou não, de notícias dos assassinatos.

Esse início revela o constante movimento que o documentário realizará, alternando depoimentos dos parentes com imagens e filmagens de arquivo do regime militar. Os arquivos, porém, jamais voltam ao filme puros, simplesmente com o objetivo de ilustrar aqueles anos. A inserção musical que os acompanha é problematizadora e revela o ponto de vista do realizador, que olha para trás já sabendo do ocorrido, já tendo ouvido os depoimentos cortantes das famílias dos torturados.

Logo após a abertura, há uma importante sequência que ilustra a exposição acima. Após um letreiro que anuncia o ano de 1967 (posse do general Costa e Silva), passamos a assistir a imagens de arquivos de um discurso do general Castelo Branco, de manifestações populares, de repressão policial, de estudantes mortos nas ruas, e dos funerais dos mesmos. Enquanto somos expostos a tais cenas, ouvimos na trilha sonora

¹ Bolsista de Iniciação Científica CNPq, orientado pelo prof. dr. Eduardo Morettin, dentro do projeto “Cinema e história no Brasil: estratégias discursivas do documentário na construção de uma memória sobre o regime militar”

Parque industrial, de Tom Zé, música lançada no disco *Tropicália*, também de 1967. Há um objetivo claro aqui de inserir um comentário crítico e expor contradições. A dureza das imagens se choca com o tom da música, mas a própria música já se desenvolve com ironia como se fizesse uma propaganda ufanista daquilo que é “made in Brazil”. Esse tom alegre e festivo servindo de trilha para aquelas imagens resulta em um ruído crítico daquilo que se acreditava ser o Brasil e daquilo que realmente era o Brasil.

Após a sequência descrita, a música cessa e o silêncio é quebrado apenas com o som de anúncios de rádio a respeito do Ato Institucional número 5. Então um novo letreiro anuncia “1969 – posse de Médici”. Uma nova inserção irônica então irrompe na tela nos mostrando uma propaganda nacionalista da época, enquanto vemos imagens da seleção brasileira sendo tricampeã no México na copa do mundo de 1970 – momento muito utilizado como publicidade pelo governo.

O filme retorna aos depoimentos dos familiares para se ater à importante questão das mortes dos jovens e a confrontação entre as versões oficiais publicadas pelo governo e o que realmente aconteceu. O que se vê são depoimentos marcados pela emoção de familiares em busca não somente de respostas, mas expressando o seu sentimento de vazio, pelo fato de não terem recebido os corpos dos filhos, dos irmãos. Trata-se de uma ferida que continua aberta e que jaz na vala comum em Perus.

É importante notar o olhar depositado por João Godoy sobre esse período da história brasileira. Mais do que um simples documento a respeito de um evento político em São Paulo, o filme expõe o retorno à ditadura, sob o um olhar que, antes de revisar a história, passou por aqueles depoimentos e carrega não somente a ferida deixada pelas ossadas abandonadas, mas também a consciência de se voltar ao regime militar com a consciência do passado, com a certeza dos crimes e das torturas praticadas.

Perto de seu final, uma das mães depoentes fala sobre a importância de se desenterrarem as ossadas dos filhos. Apesar de qualquer religiosidade ou misticismo, o que se sente é uma necessidade de se encerrar um processo que teve início no desaparecimento dos militantes e terminou, para alguns², na vala comum de Perus em 1990. Porém, tal ciclo é fechado de forma melancólica, com o peso do passado sendo sentido. O epílogo expõe uma densa vegetação, um musgo que toma conta do quadro, ao som de *Olho d’água* cantada como uma elegia por Milton Nascimento.

² O letreiro final relata que apesar de encontrados e catalogado diversas ossadas de desaparecidos durante a ditadura, ainda há corpos sem paradeiro.

Pode se dizer também que *Vala comum* reflete sobre a imagem de um país, e como essa imagem é construída, como ela é veiculada, e como ela deveria ser construída acerca daquilo que acontece dentro de um país como o Brasil durante uma ditadura. Muita consciência da repressão, porém inúmeras tentativas bem sucedidas de encobrir esses crimes sob a máscara da publicidade nacionalista. As imagens do programa televisivo de 1990 se contrastam com as propagandas dos anos 70 e revelam uma dureza, uma sobriedade, da mesma forma com que João Godoy objetiva esse resgate da memória do país.

O filme, lançado em 1994, teve uma longa e triunfal carreira nos festival do Brasil, ganhando diversos prêmios, entre eles, o de melhor filme em 16mm no festival de Brasília daquele ano, o de melhor filme e melhor música original no festival do Ceará de 1995, e o de melhor filme no Jornada da Bahia, também em 1995.

Além dos prêmios, o documentário foi muito comentado e possui uma densa fortuna crítica. Cléber Eduardo, por exemplo, relatou no Diário Popular de São Paulo a emoção do público no cinema ao término do filme. A mesma comoção foi sentida no festival de Brasília. Em depoimento do próprio diretor, em uma sessão do filme no festival estava presente Lúcia Rocha (mãe do cineasta Glauber Rocha), que, ao término da sessão, emocionada, se levantou e discursou pesadamente acerca dos males da ditadura e do passado recente do Brasil.

FONTES DE PESQUISA:

OLIVEIRA, Janaina Martins de. NASCIMENTO, Mainary Moura do. SILVA, Maria Aparecida Alves da. SOUZA, Vanderlei Dias de. *Mártires Anônimos: Vala de Perus – 20 anos em busca de respostas*. Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, São Paulo, SP. Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário em vídeo (avulso). Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/expocom/EX24-0699-1.pdf>, acesso em 28/06/2015.

SILVA, Denise Tavares da. “Fazer cinema com um país: o curta-metragem brasileiro nos anos 90”. Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da história. ANPUH/SP – UNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004. Disponível em <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVII/ST%20XXII/Denise%20Tavare%20da%20Silva.pdf>, acesso em 28/06/2015.

ARQUIVO PESSOAL DE JOÃO GODOY (PRESS BOOK):

A.G. “Um triste período da história”. *Jornal da Tarde*. 05/06/1995.

BERNARDES, Marcelo. “*Vala comum* será exibido em NY”. *O Estado de São Paulo*. Caderno 2. Cinema. São Paulo. 05/07/1996.

BLASQUES, Márcia. “A vala comum dos “desaparecidos” políticos”. *Jornal da USP*. 5 A 11/06/1995.

EDUARDO, Cléber. “Público chora com filme sobre ossada de Perus”. *Diário Popular*. São Paulo. 30/12/1994.

GODOY, João. “A vala encoberta”. *Jornal da Tarde*. Telejornalismo. São Paulo. 24/07/1995.

HEFFNER, Hernani. “Afetos cotidianos”. *Jornal da Tarde*. São Paulo. 13/12/1994.

JANOT, Marcelo. “Competição entre curtas esquentas”. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro. 03/12/1994.

JANOT, Marcelo. “Festival de cinema de Brasília distribui prêmios e faz média com cineastas”. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro. 08/12/1994.

NOVAES, Simone. “O cinema nacional volta às telas”. *Revista Intervalo*. Curitiba. 05/1995.

PALUCCI, Elis. DIEGO, Marcelo. “*Vala Comum* mostra realidade”. *Rudge Ramos Jornal*. 16/06/1995.

Sem autor. “Três obras merecem atenção”. *Diário Popular*. São Paulo. 14/12/1994.

Sem autor. “*Vala comum* é o melhor filme do V Cine Ceará”. *O Povo*. Vida e arte especial. Fortaleza/CE. 03/06/1995.

Sem autor. “Documentário desperta a consciência pela emoção”. *Diário Popular*. São Paulo. 04/06/1995.

Sem autor. “Ferida aberta”. *Diário Prata*. 08/06/1995.

TOGNOLLI, Claudio Julio. “Filme mostra versão dos desaparecidos”. *Folha de São Paulo*. Caderno Ilustrada. São Paulo. 18/05/1995.